

Questões ambientais e socioculturais: o filme "Brava Gente Brasileira" e os diálogos com discentes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID-Biologia)

Danielle Cristina Pereira

Mestranda, UFLA, Brasil
danielle.pereira1@estudante.ufla.br

Laise Vieira Gonçalves

Doutoranda, UNESP, Brasil
laise.vieira@unesp.br

Antonio Fernandes Nascimento Junior

Professor Doutor, UFLA, Brasil
toni_nascimento@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho foi realizado a partir de uma análise da avaliação feita por alunos e alunas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência de Ciências Biológicas (PIBID) da Universidade Federal de Lavras – MG (UFLA), onde eles(as) puderam apresentar suas percepções sobre o filme “Brava Gente Brasileira”. O objetivo era buscar elementos que demonstrassem o quanto o filme dialoga com questões socioculturais e ambientais, promovendo uma complementação na formação de professores(as) de biologia. Para isso, usamos a pesquisa qualitativa que se enquadra na análise de conteúdo, categorizando falas em comuns desses(as) discentes. Encontramos 5 categorias expostas em um quadro, onde percebemos o quanto questões socioculturais se sobressaem, contudo, o filme traz reflexões relevantes a respeito do ambiente pantaneiro e a relação dos povos tradicionais com o local. Assim, é possível concluir que a arte cinematográfica consegue dialogar e construir um olhar crítico sobre as relações das mais diversas culturas com o coletivo e o meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Educação socioambiental. Formação de professores. Cinema

1 INTRODUÇÃO

O mundo passou por uma crise sanitária que nos impossibilitou o contato direto com as pessoas. Foram 2 anos em que todas as atividades acadêmicas presenciais tiveram que ser interrompidas e adaptadas ao cenário pandêmico causado pela COVID19, uma doença que vitimou milhões de pessoas e ainda tem deixado muitas sequelas, não apenas em suas vítimas, mas também nas relações sociais e ambientais.

Nesse contexto, a construção de práticas pedagógicas de forma remota se tornou imprescindível, pois era necessário continuar a oferecer um ensino mesmo à distância, onde alunos e alunas pudessem dar continuidade no seu aprendizado. Foi a partir disso que as aulas promovidas por plataformas, como o Google Meet, passaram a ser intensamente utilizadas, permitindo discussões a respeito das mais diversas temáticas.

Desse modo, o Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Ambiental (PPGECA), junto com discentes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência de Biologia (PIBID) da Universidade Federal de Lavras - MG (UFLA) passaram a participar de aulas remotas, onde as artes se tornaram fortes aliadas, especialmente em relação às questões socioculturais e ambientais.

Os mais variados tipos de artes, como a música, a poesia e o cinema, se tornaram recursos valiosos que possibilitam conhecer e questionar as relações entre sociedade, cultura, ciência e meio ambiente, permitindo um olhar mais crítico sobre tudo que envolve o ser humano e o mundo. Mas, para isso, é importante contar com obras que possibilitem uma prática pedagógica de qualidade, ou seja, obras que permitam reflexões críticas sobre a sociedade, o ambiente, a economia, a política, a cultura, a ciência, a tecnologia, a mídia e a própria educação.

Assim, as manifestações artísticas possuem sua função social, pois satisfazem necessidades universais da imaginação que há em todo ser humano. Mas para que sua função seja completa, é preciso olhar para além dessa universalidade, já que as artes têm a capacidade de formar personalidades e apresentar o mundo de fato como ele é. E, para isso, é preciso romper com a ideologia capitalista e enxergar o que ela tenta esconder.

Lukács (1966), revela que a arte tem a capacidade de intensificar a realidade, mostrando ao sujeito o que está presente em seu cotidiano. A função de uma obra artística é ajudar a pessoa a olhar para a vida, para o mundo. Como é possível perceber, a arte evidencia o

que está invisível para muitos, escondido pela ideologia presente na sociedade que tem como objetivo apresentar a superfície das coisas.

Em consonância com Pinheiro (2007), as obras de arte podem ajudar na construção do pensamento crítico e na transformação do sujeito, desde que ele passe a enxergar a arte com cuidado, buscando identificar as ideias expressadas sobre a realidade. Isso fará com que seja revelado aquilo que o sistema oculta. Assim, com a realidade exposta, o sujeito passa a inserir os problemas sociais e ambientais no seu cotidiano.

De acordo com Candido (1999), muitas correntes estéticas, incluindo a marxista, compreendem que o coletivo pode seguir um caminho de profundo conhecimento sobre o mundo por meio de obras artísticas que é, sim, um produto social, mas que tem caráter humanizadora, fazendo com que o sujeito inserido naquele contexto possa se sensibilizar com aquilo que vê.

E, como ressaltam Souza, Monteiro e Nascimento Junior (2021), os diferentes tipos de obras ajudam o sujeito a enxergar as ideias de natureza e as relações entre o ser humano e o mundo de maneira diferente, com olhar sensível, mas também crítico a partir do estético da arte. Um dos recursos que tem essa riqueza é o cinema, com ela é possível acompanhar todo o contexto do filme, observando todos os elementos apresentados. Mas, não basta apenas assistir a qualquer filme, é preciso compreender a essência da obra e a mensagem que ela passa com criticidade, afinal, nem toda obra cinematográfica permite identificar elementos da realidade, ao menos não de forma clara.

Bakhtin (1990) escreveu que existem ao menos três campos que constituem a cultura da sociedade: a ciência, a arte e a vida. Mas é preciso que todas sejam incorporadas no próprio sujeito, ou seja, mesmo que haja meios de se enriquecer culturalmente, ninguém consegue ter uma formação cultural completa sem a presença desses campos. A relação de sentido entre o cinema e a contextualização em junção de uma discussão crítica acerca da ciência, da própria obra, da vida e das ideias da natureza trazem um olhar histórico-social desses saberes.

Segundo Gonçalves et. al. (2020), o cinema faz com que discentes identifiquem os problemas que existem nas suas realidades sociais, permitindo que eles questionem sobre as suas experiências pessoais e coletivas podendo, assim, encontrar meios para transformar a realidade vivenciada. Dessa forma, os filmes acabam indo para além de um recurso pedagógico, já que é possível olhar para a sociedade e para o mundo em busca de uma formação cultural e ambiental mais reflexiva.

Desse modo, ao assistir um filme, o aluno e a aluna podem buscar adquirir conhecimentos a respeito do tema e dos grupos sociais que aparecem na obra, além de compreender as relações, conceitos e visões de cada personagem. Também podem compreender o contexto histórico retratado e os diálogos que surgem ao longo da exibição com mais profundidade.

Foi pensando nessas possibilidades que, em meio a pandemia da COVID-19, os alunos e alunas do PIBID de Ciências Biológica da UFLA assistiram o filme “Brava Gente Brasileira”, da diretora Lúcia Murat, sugerido durante o encontro semanal que ocorria através da plataforma do Google Meet. A ideia era de que esses(as) discentes pudessem ter contato com uma obra cinematográfica que retrata a vida de povos originários e outros grupos sociais e as relações entre eles e a natureza

1.1 O filme Brava Gente Brasileira

O filme Brava Gente Brasileira foi dirigido por Lúcia Murat e lançado no ano 2000. Trata-se de um longa-metragem que retrata a região do Pantanal no ano de 1778, onde um grupo de soldados acompanha o cartógrafo português Diogo Infante, enviado pela Coroa, pela mata. O trabalho de Diogo é fazer um levantamento topográfico da região, contudo, em seu caminho até o Forte de Coimbra, ele e a tropa se deparam com grupos de mulheres indígenas da tribo de kadiwéu se banhando. A partir de então, há um conflito entre os dois grupos, ocasionando várias mortes e estupros.

Diogo se depara com a situação e acaba se sentindo coagido a praticar o ato, mas impede a morte da indígena que ele mesmo violentou, levando-a junto dele até o Forte. Além da mulher, um garoto branco criado pelos indígenas também foi capturado e levado.

Até esse momento havia uma tentativa por parte dos portugueses em selar um acordo de paz com os indígenas da região, denominados cavaleiros. Mas com a chegada da tropa, as coisas passam a mudar e Diogo se apaixona pela indígena, se envolvendo com ela. Mas ao perceber que ela pariu o seu filho e como rito acabou sumindo com o bebê, ele a espanca e expulsa do forte. Em seguida, como estratégia, a tribo envia mulheres como presente, mas invade o local, matando diversos soldados.

O filme é baseado em fatos reais e esse ataque ao Forte de Coimbra ficou conhecido como o Massacre do Forte.

1.2 O filme e as questões socioculturais e ambientais

O filme se passa no ambiente pantaneiro no ano de 1778, onde era possível encontrar a nação Guaicuru, sendo formado por excelentes guerreiros e cavaleiros. A obra também mostra os Kadiwéu, que ainda vivem na região e são remanescentes dos Guaicurus. No enredo, vemos a relação que há entre esses povos originários e a natureza, onde existe respeito com os recursos naturais, com a fauna e flora local.

Segundo dados da Fundação Nacional da Saúde (FUNASA, 2014), em 2006 estima-se que 1629 Kadiwéu ainda viviam no Brasil, concentrados, principalmente, no Mato Grosso do Sul. Na história, vemos que esse grupo foi determinante para proteger as fronteiras mato-grossenses durante a guerra do Paraguai, lutando ao lado dos brasileiros. Foi a partir disso que suas terras se tornaram reconhecidas.

Mas, mesmo sendo fortes guerreiros e tendo uma aliança com o Brasil, a tribo vivia constantes ataques. Como no mundo real, no filme vemos a história desses povos marcada por violência, com indígenas mulheres sendo estupradas e homens assassinados pelos chamados de “homens brancos”, o que podemos ver acontecer até nos dias de hoje. Em nome do progresso não só os(as) indígenas têm suas vidas massacradas, mas também o meio ambiente é degradado em nome do prazer de alguns e da lucratividade.

Em determinado momento, um grupo de soldados que atravessa a mata junto de um cartógrafo português encontra mulheres Kadiwéus, onde muitas são estupradas e mortas, restando apenas uma indígena, sendo sempre chamada de princesa. Ela sobrevive apenas pelo fato de que o português se encanta por ela e, mesmo depois de violentá-la, decide levá-la junto com a tropa que o protegia.

Essa passagem mostra como a relação entre povos originários e os brancos eram e ainda são conflituosas, pois os seres humanos que traz consigo a descendência europeia, veem os grupos formados pelos povos originários como seres inferiores, tendo sempre que submetê-los às suas vontades. Tanto que na obra os indígenas eram sempre chamados de selvagens, com tom preconceituoso e odioso.

Vejam os dias atuais: no Pantanal ainda vivem algumas tribos, mas sempre tendo que resistir à brutalidade das grandes indústrias madeireiras e das mineradoras. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), até 2010 menos de 900 mil indígenas moravam no Brasil, contudo, quase 325 mil já estavam adaptados às áreas urbanas.

Segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), no ano de 1500 aproximadamente 3 milhões de indígenas viviam no Brasil. Essa redução drástica de habitantes originários se deve ao massacre que esses povos sofreram ao longo dos anos, massacres que vitimizam homens, mulheres e crianças, destruindo seus lares para que suas terras fossem exploradas e os recursos usados para benefícios de outros grupos.

A morte dos(das) indígenas também é causada pelas queimadas da região. Essa deterioração afetou e ainda afeta parte do Bioma pantaneiro. Como pudemos ver nos últimos anos, o número de queimada aumentou significativamente. Conforme dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE, 2022), só nos primeiros meses de 2022 foram registrados 175 focos de queimadas no Pantanal, destruindo terras indígenas e matando animais e espécies vegetais.

Isso mostra o quanto a busca pelo lucro do “homem branco” deteriora a sua relação com outros povos e com a própria natureza. Algo que acontece de forma oposta com os povos originários, que sempre buscaram e ainda mantêm o respeito entre a comunidade e o meio ambiente, vivendo em harmonia com os seres vivos que estão na mata e usando os recursos naturais apenas para a sobrevivência.

No filme ainda vemos a distinção cultural entre os soldados e os indígenas. As tribos tinham seus ritos, com isso, as mulheres pintavam seus corpos e evitavam a gravidez, tendo, em muitos casos, apenas um filho. Alguns homens indígenas também se transvestiam de mulheres para agradar os demais membros da tribo. Sua cultura e modo de vida assustavam os portugueses, que queriam um acordo de paz com os Kadiwéu para que juntos pudessem lutar contra os espanhóis.

Esse tradicional rito de reprodução acontecia na tribo Kadiwéu. As mulheres não tinham costume de gerar filhos e quando engravidavam, elas aceitavam gerar apenas uma criança, forçando um aborto ou até mesmo matando seus outros descendentes. Um costume que não era e continua não sendo aceito em nossa sociedade.

É possível ver claramente isso na cena onde o cartógrafo espanca a princesa indígena devido a morte do filho deles, e mostra como a relação familiar é oposta. Apesar de matar um filho ser algo visto como um ato de crueldade em nossa sociedade, para aquela tribo era sinal de respeito ao costume e ao coletivo, já que quando ter filhos ou mais de um filho poderia atrapalhar na luta e na sobrevivência daquele povo.

A diferença cultural existente no país acaba gerando um conflito grande entre os grupos e desrespeitos com os ritos, costumes e crenças. Enquanto a cultura branca e europeia já estava sendo estabelecida no país, onde a igreja católica é soberana, a crença indígena estava

naquilo que a própria natureza oferecia. E essa diferença de crenças é um dos maiores motivos da cultura indígena ter sido reduzida, já que desde os anos 1500 a igreja vem catequizando indígenas na tentativa de romper o elo que há entre esses povos e suas crenças.

Essas diferenças entre a cultura, a religião e a relação com o meio ambiente dos dois grupos mostram o quanto um lado busca pela resistência, respeito e harmonia entre povos e meio ambiente, enquanto o outro lado vive em torno do dinheiro e da exploração de pessoas e dos recursos naturais.

2. OBJETIVOS

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar quais elementos foram levantados pelos(as) alunos(as) do PIBID de Ciências Biológicas no que diz respeito às questões socioculturais e ambientais a partir do filme “Brava Gente Brasileira”, trabalhando num contexto remoto.

3 METODOLOGIA

3.1 O contexto da prática desenvolvida com alunos e alunas do PIBID

A atividade foi realizada nos encontros promovidos com estudantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Ciência Biológica da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Como esses encontros ocorreram no cenário pandêmico, os(as) discentes assistiram ao filme remotamente e, em seguida, foi pedido que eles/ elas avaliassem a obra, levantando pontos relacionados com às questões socioculturais e ambientais.

Todas as atividades e diálogos se deram por meio da plataforma online, Google Meet, já que o programa seguia à risca as recomendações sanitárias, preservando a saúde e a vida de todos e todas envolvidos(as). Também vale ressaltar que essas reuniões contaram com a participação de estudantes de mestrado do Programa em Educação Científica e Ambiental (PPGECA), da UFLA, enriquecendo os debates.

3.2 Metodologia de análise

Depois que os(as) estudantes do PIBID assistiram ao filme, eles(as) fizeram uma avaliação, dizendo as impressões que tiveram sobre a obra cinematográfica no que diz respeito aos aspectos socioculturais e ambientais. Em seguida, a partir das falas escritas, foi feita uma análise por categorias, derivada da análise de conteúdo que, para Bardin (2010), é “uma pesquisa que pode ser realizada por diversos meios, ajudando a compreender interpretações e inferências”. Assim, essa pesquisa se enquadra no âmbito da pesquisa qualitativa que, segundo Minayo (2010), permite construir uma abordagem relacionada com o fenômeno estudado e o pesquisador.

Assim, na primeira etapa, foi feita uma busca por ideias em comum entre as falas dos(das) estudantes, facilitando o agrupamento dentro das categorias encontradas, sendo possível interpretar os sentidos das palavras que, conforme apontado por Villarta-Neder (2019), é possível compreender os sentidos e as ideias por meio da linguagem, sendo uma inter-ação

entre os envolvidos (pesquisador e objeto de estudo). Com isso, todos os elementos acabam se reconstruindo durante o processo.

Para garantir o anonimato dos(as) participantes, foi usado a letra “P” de PIBID, seguido por um número. Ex: P1; P2; P3.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da análise das falas dos estudantes, foi possível encontrar falas em comum, criando 5 categorias, como é mostrado abaixo:

Quadro 1

Categoria	Descrição	Ocorrência	Frequência
Violência contra povos originários	Nesta categoria os alunos e alunas relataram como é mostrada a violência contra os/ as indígenas	P1; P2; P3; P5; P6; P7; P8; P9; P10; P11; P12; P13; 15	14
Importância para formação de professores	Nesta categoria os/ as discentes falam como o cinema ajuda a completar a formação de professores	P4; P5; P7; P8; P10; P11; P12; P13; 14; 15	10
Relação do filme com o choque/ conflito cultural	Essa categoria se refere ao fato que no filme é possível observar um conflito entre os brancos e os indígenas	P1, P3, P4, P5, P8, P10; 14; 15	8
Diversidade Cultural	Nesta categoria foi argumentado a diversidade cultural presente na obra	P4, P5, P7; P8; P9; P12; 14	7
Possibilidade de construir pensamento crítico e reflexivo	Nesta categoria os alunos e alunas falam sobre como o uso desse filme pode ajudar a construção de um olhar crítico e reflexivo sobre a relação entre o branco e os povos originários.	P5; P7; P10; P13	4

Na primeira categoria **“Violência contra povos originários”**, os(as) estudantes falam o quanto foi possível enxergar a violência que os indígenas sofrem devido ao preconceito e a exploração de etnia.

(P6) “O filme pode ser proveitoso para demonstrar a importância de reservas e cotas, um povo inteiro foi dizimado por ignorância, é cruel demais que continuemos nesse estado”.

Para Popolos e Reboiras (2015) a expansão de atividades primárias são grandes responsáveis por causar exploração em territórios indígenas, além de provocar impactos ambientais, o que viola direitos e recursos dos povos originários, dizimando muitas tribos.

Segundo Brighnti (2015), a origem da violência contra os povos indígenas está no processo de colonização e se perpetua até a contemporaneidade, sendo que um dos mais poderosos meios de dominar esses povos se deu pela imposição do saber ocidental como único e válido, destituindo os conhecimentos dos povos nativos. O autor ainda traz que a ação do estado, no tempo contemporâneo segue institucionalizando a violência:

Na contemporaneidade, a violência é fundamentalmente institucional, seja na ação do Estado brasileiro reduzindo direitos como a não demarcação dos territórios e a implantação de obras desenvolvimentistas que afetam esses povos, seja na omissão, imiscuindo-se e permitindo assassinatos e invasão das terras indígenas (BRIGHENTI, 2015, P.1).

Na segunda categoria **“Importância para formação de professores”**, esses e essas discentes falam o quanto a obra cinematográfica é um recurso valioso para a formação de professores(as).

(P10) “Então, acredito que o filme contribui para a formação de professores, pois, permite uma reflexão diante dos aspectos da cultura indígena. E nós, como futuros professores, precisamos de uma formação mais efetiva, visto que, o nosso papel futuramente será formar cidadãos que precisam e devem possuir um pensamento crítico e reflexivo diante dos aspectos culturais”.

De acordo com Costa et.al. (2021), o cinema pode ser capaz de contribuir para um ensino-aprendizagem transformador, com caráter socioeducativo, onde alunos e alunas em formação se deparam com relatos importantes da história dos seres humanos.

Em consonância com o professor indígena Gersem dos Santos Luciano do povo Baniwa-AM “a escola foi o principal instrumento de destruição cultural dos povos, mas também pode ser o principal instrumento de reconstrução e afirmação de uma nova era” (FOIRN, 1996 apud CAVALCANTI, 2033, p.1). Desse modo, a escola precisa ser o local onde o conhecimento e valorização das diferentes culturas seja possibilitado, ao invés de reforçar as destruições da cultura desses povos negando-lhes seus direitos como há muitos anos vem acontecendo. E tal desconstrução e reconstrução só será possível se houver uma formação de professores(as) que possibilite esses debates socioculturais tão fundamentais e urgentes.

Já na terceira categoria **“Relação do filme com o choque/ conflito cultural”**, alunos e alunas do PIBID relatam a percepção sobre o choque cultural presente no filme.

(P1) “Temos o grande conflito cultural entre os brancos portugueses e os nativos, onde vemos a enorme dificuldade de compreensão cultural retratada no “casal” Diogo e a princesa nativa (Anote)”.

Conforme Carvalho e Scaramuzza (2022), os indígenas sempre foram excluídos, tanto que foi necessário a criação de uma lei e diretrizes para que eles fossem reconhecidos na história do Brasil, mostrando a diversificação cultural existente no país e como esses povos sempre foram discriminados e atacados.

O ‘desencontro de culturas’, conforme chamados por alguns historiadores, causou, e ainda continua causando submissões e extermínio dessa cultura. Mas, conforme apontado por Alves (2018), mesmo diante das imposições colonialistas a fim de silenciamento desses povos, os nativos procuram resistir, reafirmando suas particularidades, e suas vozes ecoam na luta para seguirem preservando sua identidade sociocultural.

Na quarta categoria **“Diversidade Cultural”**, os/as discentes apresentam a compreensão de diversidade cultural que existe não apenas no filme, mas também nos dias atuais.

(P4) *“O filme “Brava gente brasileira” é muito importante para a nossa formação de professores, visto que ele proporciona trabalhar a diversidade cultural, ou seja, o filme permite discussões acerca da cultura indígena”.*

Para Ramalho (2015), no Brasil existe uma diversidade cultural grande e isso se mostra presente na sociedade e, conseqüentemente, nas escolas. Por isso, é importante que exista uma abertura cada vez maior dentro da sociedade, respeitando as diferenças culturais que cada ser traz consigo. Ainda nesse sentido, as autoras França e Silveira (2014) destacam que:

Para que se possa construir uma nação livre, solidária e igualitária, onde ser cidadão não seja um privilégio de poucos, devemos buscar informar sobre todos os povos que compõem a sociedade nacional (asiáticos, brancos, negros, indígenas, entre outros) e tentar valorizar as culturas e feitos destes tantos povos, principalmente, mas não exclusivamente, dentro da escola. Assim sendo, a escola deve começar a se ver como espaço genuíno de promoção e da valorização da diferença. Ela deve ser um espaço de possibilidades de conhecimento do “outro”, do “diferente” (FRANÇA; SILVEIRA, 2014, P. 68).

A última categoria **“Possibilidade de construir pensamento crítico e reflexivo”** os/ as estudantes mostraram como as obras cinematográficas, como esse filme, contribuem para que professores(as) em formação possam construir um olhar crítico e reflexivo sobre a sociedade e o mundo em que vivem.

(P5) *“A importância desse filme para a nossa formação como futuros professores pode estar relacionado também ao respeito na sala de aula e poder trabalhar sobre a diversidade cultural, fazendo assim os alunos terem uma postura crítica e reflexiva sobre temas que são abordados no filme”.*

Segundo Costa et.al (2021), construir uma prática pedagógica com temas a partir de um determinado filme contribui para que os alunos e alunas possam socializar com a arte e o professor(a) consiga formar sujeitos mais humanos e críticos. Assim, é fundamental que o trabalho com as questões indígenas seja feito de forma crítica e aprofundada, conhecendo os reais problemas e ameaças que estas culturas sofreram e ainda sofrem, pois, conforme salientado por Cavalcanti (2003, p.11) ‘levarem conta a pluralidade de culturas não significa apenas introduzir na escola novos conteúdos e materiais didáticos’. Mas, é necessário também que ‘fiquemos atentos à linguagem que é utilizada na escola, aos exemplos que são utilizados, às manifestações (mais explícitas ou mais veladas) de preconceitos, estereótipos, racismo etc.’, senão estaremos contribuindo para fomentar e reforçar tais situações ao invés de combatê-las.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi possível analisar, os(as) estudantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência de Ciências Biológicas (PIBID) da Universidade Federal de Lavras (UFLA) foram impactados(as) com a atividade proposta. A partir do filme “Brava Gente Brasileira” eles(as) puderam mostrar suas percepções sobre questões relevantes que envolve os povos originários.

Mesmo não demonstrando um olhar focado nas relações socioambientais, esses(as) discentes demonstraram um olhar sociocultural mais enriquecedor, trazendo elementos sobre

a exploração dos povos indígenas, a discriminação que eles sofriam e sofrem e diferenças culturais principalmente no que se refere às crenças entre os grupos que aparecem no filme.

Nesse sentido, é possível perceber o quanto o cinema pode influenciar no olhar dos(as) estudantes, possibilitando com que eles(as) compreendam a história bem como conheçam as diferentes culturas que constituem nossa sociedade. Isso ajuda a refletir sobre como a sociedade foi sendo construída e quais são os efeitos disso na natureza. O sujeito, então, pode se identificar como parte integrante do meio em que se vive de tal modo que ele consiga enxergar e valorizar a diversidade sociocultural e ambiental e, assim, adotar uma postura reflexiva e crítica diante do mundo.

Além disso, as obras cinematográficas podem ser recursos facilitadores para promover debates e reflexões dentro da sala de aula. Com isso, a sétima arte contribui para que professores e professoras em formação inicial e continuada de ensino de ciência conheçam práticas pedagógicas que estimulem o pensar e o agir de seus alunos e alunas e possam incorporar em suas próprias práticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, I. da S. O embate cultural entre o colonizador e o colonizado na Amazônia brasileira. **Revista Entre Parêntese. Alfenas.** n. 7, v. 1, 2018.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. Editora Martins Fontes, p. 33 – 34, 2010b.
- BRIGHTI, C. A. Colonialidade do poder e a violência contra os povos indígenas. **Revista PerCursos.** Florianópolis, v.16, n.32, p. 103- 120, set./dez.2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2010.
- CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem.** Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária, p. 85, 1999.
- CAVALCANTI, L. I. P. Formação de professores na perspectiva do Movimento dos Professores Indígenas da Amazônia. **Rev. Bras. Educ.** Abr. 2003
- COSTA, V., E., S. *et al.* CINEMA E HISTÓRIA DA CIÊNCIA: UM DIÁLOGO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES A PARTIR DO FILME “A GUERRA DO FOGO”. **Educação Contemporânea,** Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 30-36, abr. 2021.
- CARVALHO, L., M. de; SCARAMUZZA, G., F. Educação das relações étnico-raciais e cenários indígenas: espectros da lei 11.645/2008 em pesquisas educacionais Strictu Sensu. **#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia,** Canoas, v. 11, n. 1, 2022.
- COMUNICAÇÃO/FUNAI, Assessoria. **Último censo do IBGE registrou quase 900 mil indígenas no país; dados serão atualizados em 2022** Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/ultimo-censo-do-ibge-registrou-quase-900-mil-indigenas-no-pais-dados-serao-atualizados-em-2022>. Acesso em: 20 de agosto de 2022.
- GONÇALVES, L. V. *et al.* Possibilidades de abordagens da Educação Ambiental no cinema: um diálogo crítico a partir do filme *..:rio::*. **Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista,** Alta Paulista, v. 16, n. 1, p. 58-73, 29 mar. 2020. ANAP - Associação Amigos de Natureza de Alta Paulista.
- Lukács, G. *Estética 1: la peculiaridad de lo estetico.* Trad. Manuel Sacristán. **Grijaldo,** ed.1, p. 57 (1966).
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.* Edição 12 edição). São Paulo, 2010.
- PECHINCHA, M. T. S. **KADIWÉU.** Disponível em:
<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kadiw%C3%A9u>. Acesso em: 20 agosto de 2022.
- PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula.* Campina Grande: Bagagem, 2007.

POPOLOS, F., DEL; REBOIRAS, L. **Os Povos Indígenas na América Latina: Avanços na última década e desafios pendentes para a garantia de seus direitos.** CEPAL. Nações Unidas. P. 54. 2015.

RAMALHO, L., S. da. Diversidade cultural na escola. **Diversidade e Educação**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 29–36. 2015.

RBA, Redação. **Queimadas no Pantanal, Amazônia e Cerrado já são maiores que em 2021.** Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/ambiente/2022/05/queimadas-no-pantanal-amazonia-e-cerrado-ja-sao-maiores-que-em-2021/>. Acesso em: 20 ago. 2022.